

## Uma análise baseada em corpus de dez traduções para o português brasileiro da novela *The Turn of the Screw*, de Henry James: grupos lexicais e o estilo do tradutor

A corpus-based analysis of ten Brazilian Portuguese translations of Henry James' novel  
*The Turn of the Screw*: lexical groups and the translator's style

**Diana Costa Fortier Silva**

Universidade Federal do Ceará

**Resumo:** Este estudo analisa dez traduções de *The Turn of the Screw* (Henry James, 1898) para investigar diferenças no uso de grupos lexicais (GLs), definidos como sequências recorrentes de palavras (Simpson-Vlach e Ellis, 2010), consideradas indicativas do estilo do tradutor. Os GLs de quatro elementos (GLs-4) foram extraídos do texto-fonte e dos textos-alvo, e sua frequência foi analisada. Observou-se variação significativa no número de GLs diferentes nas traduções, o que é consistente com os dados sobre variedade lexical nos 10 textos de chegada. Isso sugere escolhas estilísticas do tradutor, como uma tentativa de enriquecer o texto traduzido.

**Palavras-chave:** Henry James, *The Turn of the Screw*, Grupos lexicais, Estilo do tradutor, Corpus

**Abstract:** This study analyzes ten translations of *The Turn of the Screw* (Henry James, 1898) to investigate differences in the use of lexical groups (LGs), defined as recurring sequences of words (Simpson-Vlach and Ellis, 2010), considered indicative of the translator's style. The GLs of four elements were extracted from the source and target texts and their frequency was analyzed. Significant variation was observed in the number of different GLs in the translations, which is consistent with the data on lexical variety in the 10 target texts. This suggests stylistic choices by the translator, as an attempt to enrich the translated text.

**Keywords:** Henry James, *The Turn of the Screw*, Lexical groups, Translator's style, Corpus

## Introdução

Os grupos lexicais (doravante *GLs*) são sequências recorrentes de palavras que aparecem juntas com frequência em um texto ou conjunto de textos. Essas sequências são também conhecidas como *clusters* lexicais ou colocações, dependendo do enfoque teórico adotado. Segundo Sinclair (1991), um dos primeiros autores a investigar o assunto, essas repetições não são meramente aleatórias, mas refletem padrões do uso da linguagem, revelando escolhas estilísticas do autor

ou, no caso de uma tradução, do tradutor. Os GLs podem ser utilizados para identificar o que se chama de “assinatura estilística” de um autor ou tradutor.

O presente estudo apresenta uma proposta de análise das traduções para o português brasileiro da obra *The Turn of the Screw*, de Henry James (1898) (doravante *Turn*) com base na frequência de ocorrência e variedade dos GLs encontrados na obra. Pretendemos observar como o uso dessas estruturas denota a opção dos tradutores por adaptar elementos culturais específicos para torná-los mais acessíveis ao leitor brasileiro (domesticação), enquanto outras podem preservar elementos do texto fonte para manter sua autenticidade cultural e literária (estrangeirização).

## Linguística de corpus

Para operacionalizar metodologicamente essa análise, utilizamos ferramentas da linguística de corpus. Há vários anos, essas técnicas vêm sendo aplicadas de forma bem-sucedida à investigação de obras literárias traduzidas. No entanto, o estudo específico sobre o estilo do tradutor utilizando metodologia semelhantes é relativamente recente, embora muito produtiva (Baker, 2000; Malmkjær, 2003; Chesterman, 2005; Saldanha, 2011; Kruger, 2012; Bisiada, 2019). A presente investigação empregou um corpus monolíngue composto por dez traduções de *The Turn of the Screw* para o português brasileiro que, no cotejo com o texto fonte de Henry James, em inglês, permitiu comparações das escolhas lexicais e estilísticas feitas por dez diferentes tradutores da obra, com base nos indícios fornecidos pelos GLs de 4 elementos (*GLs-4*), também conhecidos como *N-Grams* (*N-Grams-4*).

Para a análise do corpus, a plataforma computacional utilizada foi o *AntConc*, pacote de software para análise de corpora linguísticos que oferece diversas ferramentas computacionais úteis (<https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>). Entre outras funções, há módulos que possibilitam a extração de dados linguísticos, como frequência de palavras, concordâncias, colocações e N-Grams. Os resultados obtidos podem ser analisados de forma quantitativa, com foco nos dados estatísticos, observando a frequência e a distribuição dos termos, por exemplo, ou qualitativa, examinando-se contextos específicos de uso e as implicações das escolhas linguísticas feitas pelos falantes/autores/tradutores. O presente estudo concentra-se na análise quantitativa, reservando a pesquisa qualitativa para um momento posterior.

## The Turn of the Screw

A escolha de *The Turn of the Screw*, de Henry James (1898) como objeto de análise para este estudo se baseia em várias razões, que estão diretamente ligadas às características da obra e ao impacto que ela teve tanto na literatura quanto nos estudos tradutórios.

A novela *The Turn of the Screw* (doravante *Turn*) é uma das obras mais conhecidas de Henry James, autor cuja prosa é caracterizada pela sua complexidade estilística, linguagem densa e frases longas e intrincadas. O autor é também considerado um mestre na criação de atmosferas psicológicas complexas, o que é especialmente evidente em *Turn*. A novela, que mistura elementos do gótico e do psicológico, depende fortemente da construção de suspense através de descrições minuciosas e jogos de palavras. A trama “É centrada sobre a figura ambígua de uma preceptor a dada a contatos frequentes com o sobrenatural, segundo uma vertente de interpretação, ou mentalmente perturbada ao ponto de fantasiar visões de entes desencarnados, de acordo com outra possibilidade de leitura” (Silva, 2016).

É importante observar que, além de suas qualidades literárias, *Turn* é uma obra amplamente traduzida e estudada, tendo se tornado um marco da literatura inglesa e um texto clássico do gênero de horror psicológico. Sua influência na cultura literária justifica a escolha do texto para um estudo de variação estilística em traduções, já que é possível comparar diferentes abordagens e avaliar o nível de adaptação cultural dos textos traduzidos para o português brasileiro. A ambiguidade narrativa presente na obra também tem um impacto direto nas estratégias tradutórias. Os tradutores podem optar por intensificar ou atenuar essa incerteza através de suas escolhas de palavras, frases e estilo narrativo. Assim, *Turn* é uma obra muito adequada para uma investigação de como diferentes tradutores manipulam o texto para alcançar determinados efeitos estéticos e como isso influencia a recepção do texto traduzido.

Ao analisar várias traduções de *Turn*, é possível observar não apenas as tendências individuais de cada tradutor, mas também identificar padrões tradutórios que podem estar relacionados ao período histórico, ao contexto editorial ou às normas culturais vigentes no momento da elaboração de cada texto traduzido.

## Grupos lexicais e estilo do tradutor

Diferentes termos podem ser utilizados para designar grupos lexicais, tais como “sequências formulaicas” (Simpson-Vlach e Ellis, 2010), ou “colocações” (Sinclair, 1991). Essas expressões têm nuances específicas e podem ser abordadas de formas complementares para a análise de estilo em traduções. O conceito de *sequência formulaica* refere-se a combinações fixas de palavras que aparecem frequentemente em contextos específicos, como expressões idiomáticas ou estruturas comuns em discursos institucionais. Segundo Simpson-Vlach e Ellis (2010), essas sequências são fundamentais para a fluência e naturalidade do uso da língua. Na tradução, sua análise pode revelar estratégias utilizadas para preservar o caráter “automatizado” ou convencional do texto fonte no idioma-alvo. Já a ideia de *colocação* foi definida inicialmente por Sinclair (1991), como mencionado anteriormente, e designa combinações de palavras que frequentemente ocorrem

juntas e são escolhidas mais por probabilidade do que por regra gramatical, sendo importantes para capturar a *idiomaticidade* de uma língua. Na tradução, examinar colocações pode ajudar a identificar desvios estilísticos ou diferenças de uso entre línguas, revelando as escolhas do tradutor em termos de naturalidade ou literalidade. A aplicação conjunta desses conceitos como facetas do termo guarda-chuva *grupo lexical (GL)* permite uma análise rica do estilo em traduções, mostrando como as escolhas lexicais e sintáticas refletem não apenas o texto de partida, mas também o impacto da língua-alvo.

Para este estudo, os grupos lexicais de quatro palavras foram extraídos das dez traduções analisadas. Sua comparação nas diferentes versões ofereceu *insights* das características estilísticas de cada tradutor. Propomos uma discussão sobre essa noção de estilo do tradutor, utilizando como referência os trabalhos pioneiros de Mona Baker (2000), Anthony Pym (1992), Leech e Short (2007) e Munday (2008). Trata-se de um estudo sobre como indicações sobre o estilo pessoal de um tradutor podem ser percebidas através de escolhas lexicais (Lee, 2013), especialmente no contexto de obras literárias.

O estilo do tradutor refere-se às escolhas conscientes e inconscientes que um tradutor faz ao adaptar um texto de uma língua para outra. Mona Baker (2000) argumenta que o estilo do tradutor pode ser observado em aspectos como a seleção de palavras, a construção de frases, a abordagem de expressões idiomáticas e até na escolha de estratégias tradutórias, como a adoção de um tom formal ou coloquial.

A análise da variação estilística em traduções literárias é uma área crucial para os estudos de tradução, pois revela como o processo tradutório não é apenas uma transposição literal de palavras, mas uma recriação de significados, atmosferas e experiências estéticas. A variação estilística permite investigar o papel do tradutor não apenas como um intermediário linguístico, mas como um coautor que influencia diretamente a recepção do texto em uma nova língua e cultura.

## **Grupos Lexicais em *The Turn of the Screw***

Os tradutores de *Turn* para o português brasileiro são dez, conforme a lista a seguir:

1. Brenno Silveira
2. Olívia Krähenbühl
3. Wallace Leal Rodrigues
4. Chico Lopes
5. Marcelo Pen
6. Luciano Alves Meira
7. Guilherme Silva Braga
8. Marcos Maffei
9. Paulo Henriques Britto
10. João Gaspar Simões

O quadro abaixo apresenta de forma mais detalhada a cronologia das versões brasileiras:

Tabela 1 – Cronologia das edições brasileiras (Adaptado de Bottmann, 2015)

Ano(s)	Editora	Título	Tradutor
1961, 1969, 1972	Civilização Brasileira	<i>Outra volta do parafuso</i>	Brenno Silveira
1970, 1971, 1972, 1974, 1976	Abril Cultural	<i>Lady Barberina e Outra volta do parafuso</i>	Brenno Silveira
1980, 1981, 1982, 1983	Abril Cultural	<i>Lady Barberina e A outra volta do parafuso</i>	Brenno Silveira
1985, 1990	Círculo do Livro	<i>Outra volta do parafuso</i>	Brenno Silveira
2002, 2003	Nova Cultural	<i>Lady Barberina e A outra volta do parafuso</i>	Brenno Silveira
2010	Clássicos Abril	<i>Outra volta do parafuso</i>	Brenno Silveira
1969	Ediouro (Tecnoprint)	<i>A volta do parafuso</i>	Olívia Krähenbühl
1971, 1972	Clube do Livro	<i>A volta do parafuso</i>	Olívia Krähenbühl
1979	Clube do Livro	<i>Os inocentes</i>	Olívia Krähenbühl
1987	Clube do Livro	<i>A volta do parafuso</i>	Olívia Krähenbühl
1972	Ediouro	<i>Os inocentes</i>	Marques Rebêlo
1980	O Clarim	<i>Os inocentes</i>	Wallace Leal Rodrigues
2004, 2005	Landmark	<i>A volta do parafuso - edição bilíngue</i>	Chico Lopes
2005	Companhia das Letras	<i>A volta do parafuso</i>	Marcelo Pen
2006, 2007, 2010	Martin Claret	<i>A volta do parafuso</i>	Luciano Alves Meira
2007, 2008, 2010	L&PM	<i>A volta do parafuso – seguido de Daisy Miller</i>	Guilherme Silva Braga
2010	Hedra	<i>A volta do parafuso</i>	Marcos Maffei
2011	Penguin-Companhia	<i>A outra volta do parafuso</i>	Paulo Henriques Britto
2015	BestBolso	<i>A volta do parafuso</i>	João Gaspar Simões

Os dez profissionais responsáveis pelas traduções brasileiras de *Turn* formam um grupo heterogêneo. Há tradutores respeitados, já falecidos, como Brenno Silveira e Olívia Krähenbühl, e nomes como Marcelo Pen e Paulo Henriques Britto, ainda vivos e no auge da atividade tradutória e com reputação consolidada. Há profissionais que mesclam a atividade de tradutor com a atuação em áreas completamente diversas, como Luciano Alves Meira e Chico Lopes; outros atuam exclusivamente como tradutores, como Guilherme da Silva Braga, que está no processo de firmar seu nome dentro da área, e Marcos Maffei. Há quem tenha visto no texto de *Turn* uma temática que lhe interessava e que lhe motivou a traduzir a novela, como Wallace Leal Rodrigues (que comprehende *Turn* como um representante da literatura de cunho espírita). Há um estrangeiro que, vivendo exilado no Brasil, dedicou-se à tradução, como é o caso de João Gaspar Simões. Trata-

se realmente de um conjunto bastante diverso de pessoas unidas apenas pelo amor à atividade tradutória e pelo interesse despertado pela obra mais conhecida de Henry James (Silva, 2016).

A partir da compilação de pelo menos um exemplar de cada uma das dez traduções de *Turn* para o português brasileiro, empreendemos a análise que apresentaremos a seguir. Utilizamos, para tanto, uma edição de cada uma das traduções, conforme o quadro a seguir:

Tabela 2 – Edições das traduções de *Turn* empregadas neste estudo

Número	Tradutor	Nome	Editora	Ano
1	Brenno Silveira	<i>Outra volta do parafuso</i>	Civilização Brasileira	1961
2	Olívia Krähenbühl	<i>Os inocentes</i>	Clube do Livro	1979
3	Wallace Leal Rodrigues	<i>Os inocentes</i>	O Clarim	1980
4	Chico Lopes	<i>A volta do parafuso</i> <sup>1</sup>	Landmark	2004
5	Marcelo Pen	<i>A volta do parafuso</i> <sup>2</sup>	Companhia das Letras	2005
6	Luciano Alves Meira	<i>A volta do parafuso</i>	Martin Claret	2006
7	Guilherme Silva Braga	<i>A volta do parafuso</i> <sup>3</sup>	L&PM	2007
8	Marcos Maffei	<i>A volta do parafuso</i>	Hedra	2010
9	Paulo Henriques Brito	<i>A outra volta do parafuso</i>	Penguin-Companhia	2011
10	João Gaspar Simões	<i>A volta do parafuso</i>	Best Bolso	2015

O presente trabalho se concentra sobre as escolhas lexicais relativas aos GLs ou “clusters”. Como ferramenta de análise auxiliar, recorremos também à densidade lexical, conhecida com razão número de itens lexicais diferentes (*types*)/número absoluto de itens lexicais (*tokens*) – *type-token ratio* (*TTR*) (Sardinha, 2009). Os dez volumes reunidos acima foram digitalizados e salvos em arquivos no formato .txt, para permitir sua análise através de software de análise linguística. Para o presente estudo, como já mencionado anteriormente, foi adotado o pacote de ferramentas AntConc (<https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>), largamente utilizado em pesquisas baseadas em corpora linguísticos, em diversas áreas de investigação, especialmente Lexicologia/Lexicografia e Terminologia/Terminografia, mas também Ensino de Idiomas e Tradução. O emprego desse tipo de software permite a análise preliminar de grandes quantidades de dados linguísticos em curtíssimos períodos, além de fornecer resultados que, por serem obtidos por processamento computacional, apresentam grau de precisão próximo do absoluto.

A análise das traduções de *Turn* para o português brasileiro se deu com base na extração e comparação de GLs de quatro palavras (GLs-4). O pequeno escopo desse artigo não nos permitiu optar pelos GLs-2 e GLs-3, excessivamente numerosos, e os GLs-5 ou maiores, por outro lado, eram demasiado raros. Também optamos por estudar apenas os N-Grams-4 com 5 ocorrências ou mais,

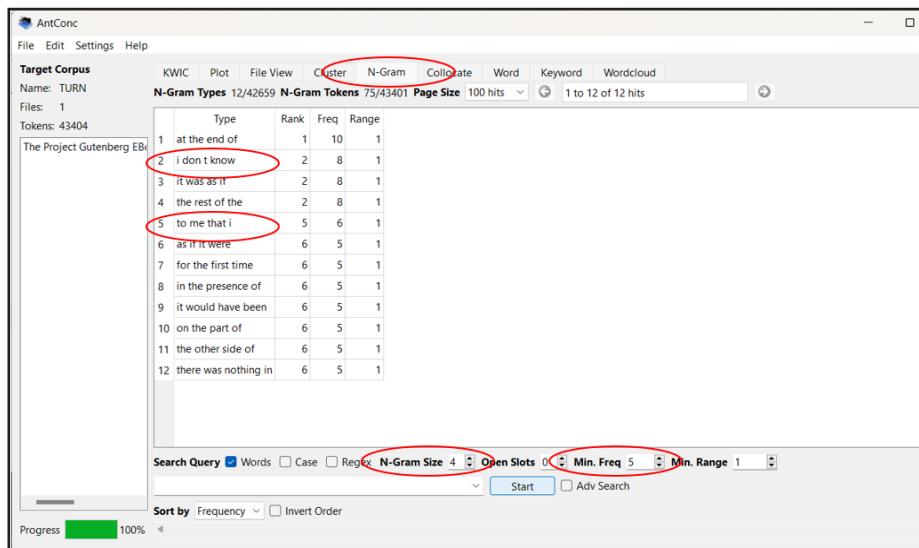
<sup>1</sup> Edição bilíngue.

<sup>2</sup> Capítulo da coletânea *Contos de horror do século XIX* (JAMES, 2006).

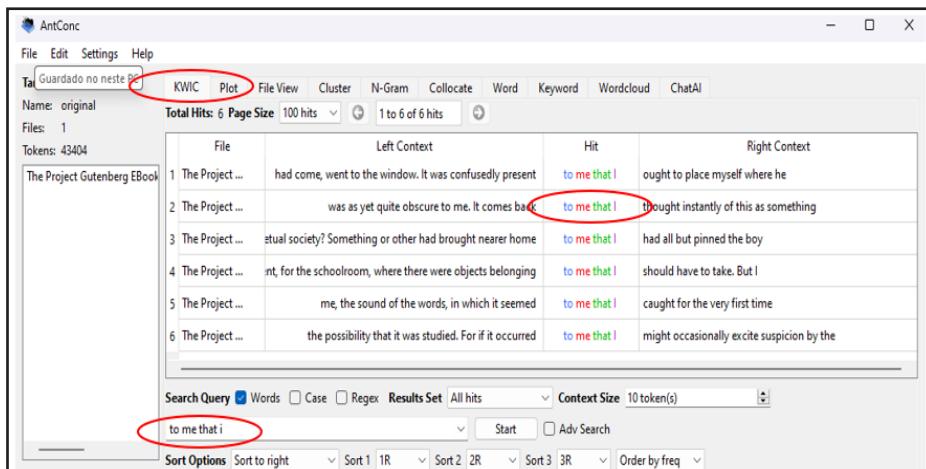
<sup>3</sup> Juntamente com Daisy Miller, por Henrique Guerra.

já que consideramos que um número inferior de ocorrências a esse mínimo não nos permitiria obter resultados minimamente relevantes. Foram, portanto, empregados os resultados com as características descritas acima, obtidos através da ferramenta *N-Grams*, além da grandeza *type-token ratio (TTR)*, utilizada como elemento de comparação da variedade lexical. Como discutido acima, esses grupos ou “clusters” servem como indicadores das escolhas estilísticas dos tradutores e podem revelar tanto a tentativa de “fidelidade” ao texto de partida quanto as adaptações feitas para facilitar a compreensão da obra pelo público-alvo.

Figura 1 – GLs de 4 elementos (GLs-4) com número de ocorrências igual ou maior que 5 em *Turn* através do AntConc (Anthony, 2024)



O item 2 dos resultados acima foi desconsiderado, já que resultou de erro tipográfico que separou equivocadamente a contração “don’t” em duas partes – “don” e “t”, gerando um N-Gram-4 de onde se tem, na verdade, um N-Gram-3. O item 5 também gerou questionamentos, já que temos a grafia do pronome “I” figura como “i”. Porém, ao buscar as instâncias desse N-Gram-4 no corpus através do gerador de concordâncias do AntConc (ferramenta KWIC – *Key Word in Context – Palavra-chave no Contexto*), vemos que ele é válido, já que, nos exemplos extraídos de *Turn*, a grafia do pronome pessoal da 1<sup>a</sup> pessoa do singular aparece de forma correta:

Figura 2 – Instâncias de “to me that I” em *Turn*

Utilizamos então o tradutor automático DeepL (<https://www.deepl.com>) para obter as versões para o português brasileiro da lista final de 11 de N-Grams-4 (correspondendo aos GLs-4) com 5 ocorrências ou mais encontrados em *Turn*:

Tabela 3 – GLs de 4 elementos (GLs-4) com número de ocorrências igual ou maior que 5 em *Turn* e suas traduções para o português através do DeepL (2024)

<b>Turn</b>	<b>GL</b>	<b>DeepL</b>	<b>GL</b>
1. <i>at the end of</i>	4	<i>no final de</i>	3
2. <i>it was as if</i>	4	<i>era como se</i>	3
3. <i>the rest of the</i>	4	<i>o resto do</i>	3
4. <i>to me that I</i>	4	<i>para mim que (eu)</i>	4
5. <i>as if it were</i>	4	<i>como se fosse</i>	3
6. <i>for the first time</i>	4	<i>pela primeira vez</i>	3
7. <i>in the presence of</i>	4	<i>na presença de</i>	3
8. <i>it would have been</i>	4	<i>teria sido</i>	2
9. <i>on the part of</i>	4	<i>da parte de</i>	3
10. <i>the other side of</i>	4	<i>o outro lado da</i>	4
11. <i>there was nothing in</i>	4	<i>não havia nada em</i>	4

Os resultados apontam para um achado interessante: ao ser transpostos para o português brasileiro, os onze GLs-4 de *Turn* são reduzidos a apenas três, e mesmo o GL-4 “para mim que (eu)” se transforma em um GL-3 na maior parte dos casos, na medida em que o pronome eu é frequentemente omitido em português, a primeira pessoa do singular estando já expressa na conjugação verbal. A hipótese inicial é de que os GLs em português brasileiro tendem a ter menos elementos, o que não é corroborado pela busca nos corpora:

Tabela 4 – Número de ocorrências igual dos GL-4 com frequência igual ou maior que 5 encontrados  
Turn, quando buscados nas 10 traduções para o português brasileiro da obra

Tradução	GL- 4	Tradução	GL- 4
<i>T1</i>	13	<b>T6</b>	10
<i>T2</i>	1	<b>T7</b>	9
<i>T3</i>	13	<b>T8</b>	37
<i>T4</i>	9	<b>T9</b>	14
<i>T5</i>	3	<b>T10</b>	12

Concluímos que, aos três (ou dois) GLs-4 presentes originalmente em Turn, diversos outros são acrescidos nos textos de chegada em português brasileiro. Realizamos a busca por todos os GLs-4 com frequência de ocorrência igual ou maior que 5 em todas as traduções brasileiras, conforme ilustra o quadro abaixo (resultados até a posição 15, o que contempla a totalidade dos GLs-4 encontrados em todas as traduções menos T8, que apresentou 37 GL-4 diferentes):

Tabela 5 – GLs de 4 elementos (GLs-4) com número de ocorrências igual ou maior que 5 em *Turn* e em suas 10 traduções para o português brasileiro  
(continua...)

	Turn	DeepL	Breno	Olivia	Wallace	Chico
1.	<i>at the end of</i>	<i>no final de</i>	<i>lembro me de que</i>	<i>no final das contas</i>	<i>lembro me de que</i>	<i>com a senhora grose</i>
2.	<i>it was as if</i>	<i>era como se</i>	<i>a certeza de que</i>		<i>a certeza de que</i>	<i>da sala de estudos</i>
3.	<i>the rest of the</i>	<i>o resto do</i>	<i>a impressão de que</i>		<i>a impressão de que</i>	<i>o que a senhorita</i>
4.	<i>to me that I</i>	<i>para mim que eu</i>	<i>que fez com que</i>		<i>que fez com que</i>	<i>a impressão de que</i>
5.	<i>as if it were</i>	<i>como se fosse</i>	<i>fez com que eu</i>		<i>fez com que eu</i>	<i>certeza de que ela</i>
6.	<i>for the first time</i>	<i>pela primeira vez</i>	<i>o que foi que</i>		<i>o que foi que</i>	<i>de tal modo que</i>
7.	<i>in the presence of</i>	<i>na presença de qual</i>			<i>a maneira pela qual</i>	<i>na sala de estudos</i>
8.	<i>it would have been</i>	<i>teria sido</i>	<i>a sensação de que</i>		<i>a sensação de que</i>	<i>o fato de que</i>
9.	<i>on the part of</i>	<i>da parte de</i>	<i>de que ele não</i>		<i>em todo o caso</i>	<i>o que a senhora</i>
10.	<i>the other side of</i>	<i>o outro lado da</i>	<i>fez com que ela</i>		<i>fez com que ela</i>	
11.	<i>there was nothing in</i>	<i>não havia nada em</i>	<i>no lugar em que</i>		<i>na sala de estudos</i>	
12.			<i>o que fez com</i>		<i>no lugar em que</i>	
13.			<i>para que eu me</i>		<i>o que fez com</i>	

Tabela 5 – GLs de 4 elementos (GLs-4) com número de ocorrências igual ou maior que 5 em *Turn* e em suas 10 traduções para o português brasileiro  
 (conclusão)

<i>Marcelo</i>	<i>Luciano</i>	<i>Guilherme</i>	<i>Marcos</i>	<i>Paulo</i>	<i>João</i>
<i>da sala de estudos</i>	<i>com a sra grose</i>	<i>com a sra grose</i>	<i>com a sra grose</i>	<i>a senhora quer dizer</i>	<i>a certeza de que</i>
<i>com mrs grose a</i>	<i>o fato de que</i>	<i>que a sra grose</i>	<i>o que a senhorita</i>	<i>com a sra grose</i>	<i>com a sra grose</i>
<i>na sala de estudos</i>	<i>o que a senhorita</i>	<i>o fato de que</i>	<i>do lado de fora</i>	<i>o fato de que</i>	<i>da sala de estudo</i>
	<i>a sra grose olhou</i>	<i>a impressão de que</i>	<i>a sra grose e</i>	<i>o que a senhora</i>	<i>a impressão de que</i>
	<i>de tal modo que</i>	<i>na sala de estudos</i>	<i>fez com que eu</i>	<i>a impressão de que</i>	<i>a verdade é que</i>
	<i>a senhorita quer dizer</i>	<i>a sra grose não</i>	<i>a senhora quer dizer</i>	<i>da sala de estudos</i>	<i>e a sra grose</i>
	<i>a srta jessel a</i>	<i>a sra grose olhou</i>	<i>a senhorita quer dizer</i>		<i>no momento em que</i>
	<i>da sala de estudos</i>	<i>da mesma forma que</i>	<i>a senhorita acha que</i>	<i>no final das contas</i>	<i>que a sra grose</i>
	<i>disse a sra grose</i>	<i>o que foi que</i>	<i>a sra grose olhou</i>	<i>senhora quer dizer</i>	<i>a sra grose e que</i>
	<i>que a sra grose</i>		<i>em todo o caso</i>	<i>a sra grose não</i>	<i>de um lado para</i>
			<i>o que quer que</i>	<i>a sra grose olhou</i>	<i>lembro me de ter</i>
			<i>que a sra grose</i>	<i>disse a sra grose</i>	<i>um lado para outro</i>
			<i>senhora quer dizer que</i>	<i>na sala de estudos</i>	
			<i>as mãos nos bolsos</i>	<i>o mais depressa possível</i>	
			<i>certeza de que ela</i>		

A análise quantitativa focou-se em um aspecto principal: a variedade de ocorrência dos GLs em cada tradução. Como mostra a Tabela 5 acima, a variedade no uso dos GLs foi mais expressiva em T8 (37 GLs-4), seguida por T9 (14), T1/T3(13), T10(12), T6(10), T4/T7(9) e, finalmente, T5(3) e T2(1). Essa medida, evidentemente, não pode ser considerada absoluta, pelo que empregamos a medida geral de riqueza lexical – TTR como elemento de comparação. Esse valor é obtido dividindo-se o número de *types* pelo número de *tokens*, multiplicando-se o resultado por 100 para ter o resultado em termos de porcentagem. Assim, o texto de James tem uma TTR de 10,50, o que significa que 10,5% das palavras no texto não se repetem, enquanto o restante (89,5%) corresponde a palavras que são usadas no texto mais de uma vez. Quanto maior o valor da TTR, maior a variação lexical em um texto, e menor o uso repetido de itens lexicais, portanto; quanto mais alta a TTR, menor a repetição dos mesmos *types* (Sardinha, 2009: 162).

Tabela 6 – *Types, tokens, razão type/token (TTR)* em *Turn* e suas traduções para o português brasileiro

Tradução	Número de páginas (edição em estudo)	Número total de palavras (tokens)	Número de palavras diferentes (types)	Razão type/ token (TTR)
<i>Texto de partida</i>	147	42.824	4.497	10,50
<i>T1</i>	142	42.027	5.957	14,17
<i>T2</i>	149	40.326	6.913	17,24
<i>T3</i>	169	41.838	6.143	14,68
<i>T4</i>	151	41.378	6.253	15,11
<i>T5</i>	107	41.291	6.699	16,22
<i>T6</i>	133	42.703	6.321	14,80
<i>T7</i>	135	40.721	6.033	14,82
<i>T8</i>	133	59.843	5.867	9,80
<i>T9</i>	153	42.647	5.985	14,03
<i>T10</i>	180	41.603	6.033	14,50

Colocando as duas categorias lado a lado – GLs-4 e TTR, obtemos o resultado a seguir:

Tabela 7 – *Razão type/token (TTR) x LGs-4* em *Turn* e suas traduções para o português brasileiro

Tradução	GL- 4	TTR	Tradução	GL- 4	TTR
<i>Texto de partida</i>	11	10,50	---	---	---
<i>T1</i>	13	14,17	<b>T6</b>	10	14,80
<i>T2</i>	1	17,24	<b>T7</b>	9	14,82
<i>T3</i>	13	14,68	<b>T8</b>	37	9,80
<i>T4</i>	9	15,11	<b>T9</b>	14	14,03
<i>T5</i>	3	16,22	<b>T10</b>	12	14,50

Como mostra a Tabela 7 acima, TTR foi mais elevada em T2 (17,24), seguida por T5 (16,22), T4(15,11), T9/T10/T3/T1(14,82 a 14,17), e T8(9,80). Ou seja: o texto de chegada com maior número de GLs-4 é também o de menos TTR, enquanto o de menor número de GLs-4 tem a maior TTR entre os textos observados.

## Discussão e Considerações finais

Os achados dessa breve análise da variedade dos GLs-4 identificados nas dez traduções brasileiras de *Turn* fornecem insights, embora limitados pelo pequeno escopo do estudo, sobre o estilo de cada tradutor, indicado pela variedade de suas escolhas lexicais. Além disso, com base

em nossa modesta pesquisa, refletimos sobre as potencialidades e limitações da análise de corpus em investigações estilísticas e suas implicações para a prática tradutória.

Os GLs, como sequência recorrente de palavras, funcionam como indicadores de padrões estilísticos que cada tradutor utiliza ao transpor o texto fonte para o português. O uso desses grupos não apenas reflete a escolha de palavras, mas também indica como cada tradutor lida com a sintaxe, a construção narrativa e a intenção estética do texto de partida.

No entanto, ao realizar o contraponto com outra categoria creditada com a capacidade de indicar variedade lexical, observamos que somente a análise de GLs não é suficiente para que se possa chegar a conclusões definitivas sobre o assunto. Análises posteriores, que levem em consideração os conceitos desenvolvidos por pesquisadores como Berman (1999), que trata das tendências e influências no ato tradutório, e Venuti (1995), que explora a relação entre público-alvo, estratégias tradutórias e contexto cultural, podem enriquecer enormemente essa discussão. O foco na relação entre época, público-alvo e as decisões do tradutor também é abordado por estudiosos como Toury (2012), dentro do paradigma descritivo da tradução, ao enfatizar normas e contextos que influenciam escolhas tradutórias.

A tradução literária é um processo criativo e interpretativo, e o estilo do tradutor é uma parte integral desse processo. A análise de corpus mostrou-se uma ferramenta eficaz para revelar padrões estilísticos, mas é apenas um dos métodos possíveis para investigar a complexidade da tradução. Além disso, mesmo as ferramentas de corpus funcionam de maneiras aparentemente contraditórias, sugerindo que pesquisas futuras devem continuar a explorar essa riqueza de possibilidades, combinando métodos quantitativos e qualitativos para compreender melhor o impacto do estilo tradutório na literatura traduzida.

As possibilidades de aplicação da metodologia empregada neste estudo são várias e podem ser exploradas em pesquisas futuras, tais como a investigação de outros textos e contextos literários, os estudos de traduções para diversos públicos-alvo, a análise de traduções de gêneros literários diversos, e a criação de corpora multilíngues para permitir comparações entre traduções de uma mesma obra em diferentes línguas, analisando como tradutores de culturas diversas abordam o texto fonte e quais elementos são preservados ou adaptados em diferentes contextos linguísticos.

## Referências Bibliográficas

ANTHONY, Lawrence. AntConc: A Learner and Classroom Friendly, Multi-Platform Corpus Analysis Toolkit. *Proceedings of IWLeL 2004: An Interactive Workshop on Language e-Learning*, p. 7-13, 2005.

ANTHONY, Lawrence. **AntConc**. Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>). Acesso em: 30 nov. 2024.

BAKER, Mona. Towards a Methodology for Investigating the Style of a Literary Translator. *Target*, v. 12, n. 2, p. 241-266, 2000.

BERMAN, Antoine. **La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain.** Paris: Seuil, 1999

BISIADA, Mario. The Editor's Mediating Role in Stylistic Shifts during the Translation Process: Evidence from a Corpus of Translation Manuscripts. **Target**, v. 31, n. 1, p. 50-78, 2019.

CHESTERMAN, Andrew. Beyond the Particular. In: HERMANS, T. (Ed.), **Translating Others** (v. 2, p. 33-46). Manchester: St. Jerome, 2005.

DEEPL. DeepL Translator. Disponível em: <https://www.deepl.com>. Acesso em: 1 dez. 2024.

JAMES, Henry. **The Turn of the Screw.** 1. ed. London: Macmillan, 1898.

JAMES, Henry. **Outra volta do parafuso.** Tradução de Brenno Silveira. São Paulo: Civilização Brasileira, 1961.

JAMES, Henry. **A volta do parafuso.** Tradução de Olívia Krähenbühl. São Paulo: Ediouro, 1969.

JAMES, Henry. **Os inocentes.** Tradução de Wallace Leal Rodrigues. Matão/São Paulo: O Clarim, 1980.

JAMES, Henry. **A volta do parafuso.** Edição bilíngue. Tradução de Chico Lopes. São Paulo: Landmark, 2004.

JAMES, Henry. *A volta do parafuso*. Tradução de Marcelo Pen. **Contos de horror do século XIX – Escolhidos por Alberto Manguel.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

JAMES, Henry. **A volta do parafuso.** Tradução de Luciano Alves Meira. São Paulo: Martin Claret, 2006.

JAMES, Henry. **A volta do parafuso** – seguido de Daisy Miller. Tradução de Guilherme Silva Braga (Daisy Miller por Henrique Guerra). Porto Alegre: LP&M Pocket, 2007.

JAMES, Henry. **A volta do parafuso.** Tradução de Marcos Maffei. São Paulo: Hedra, 2010.

JAMES, Henry. **A outra volta do parafuso.** Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Penguin Companhia, 2011.

JAMES, Henry. **A volta do parafuso.** Tradução de João Gaspar Simões. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2015.

KRUGER, Haidee. A Corpus-Based Study of the Mediation of Source Text Ideology in Translation. **Across Languages and Cultures**, v. 13, n. 2, p. 137-163, 2012.

LEE, David. **A Corpus-Based Investigation of Language Patterns:** Lexical Bundles in Academic Texts. John Benjamins Publishing, 2013.

LEECH, Geoffrey N.; SHORT, Mick. **Style in Fiction: A Linguistic Introduction to English Fictional Prose.** 2. ed. Harlow: Pearson Education, 2007.

MALMKJÆR, Kirsten. **What Happened to God and the Angels:** An Exercise in Translational Stylistics. **Target**, v. 15, n. 1, p. 37-58, 2003.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: Theories and Applications.** Routledge, 2008.

PYM, Anthony. **Translation and Text Transfer: An Essay on the Principles of Intercultural Communication.** Frankfurt am Main: Peter Lang, 1992.

SALDANHA, Gabriela. Style of Translation: The Use of Source Language Influence as a Stylistic Feature. In: GAMBIER, Y.; VAN DOORSLAER, L. (Eds.), **Handbook of Translation Studies** (v. 2, p. 131-136). Amsterdam: John Benjamins, 2011.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Diana Costa Fortier. **Tradução comentada de The Turn of the Screw, de Henry James para o português**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) — Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2016.

SIMPSON-VLACH, Rita; ELLIS, Nick C. Formulaic Language in Native and Second Language Speakers: Psycholinguistics, Corpus Linguistics, and TESOL. **TESOL Quarterly**, 2010.

SINCLAIR, John McH. **Corpus, Concordance, Collocation**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies – and Beyond**. 2. ed. Amsterdam: John Benjamins, 2012.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility: A History of Translation**. London: Routledge, 1995.